



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

ADRIANO NERIS DA SILVA

**TECNOLOGIAS E ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE
PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2023)**

**GUARABIRA-PB
2023**

ADRIANO NERIS DA SILVA

**TECNOLOGIAS E ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE
PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Orientadora: Prof^a Dra. Dayane Nascimento Sobreira

**GUARABIRA-PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586t Silva, Adriano Neris da.
Tecnologias e ensino de história no ensino médio em tempos de pandemia de Covid-19 (2020-2023) [manuscrito] / Adriano Neris da Silva. - 2023.
27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira, Departamento de História - CH. "

1. Pandemia de Covid-. 2. Tecnologias. 3. Ensino de História. I. Título

21. ed. CDD 372.89

ADRIANO NERIS DA SILVA

**TECNOLOGIAS E ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE
PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2023)**

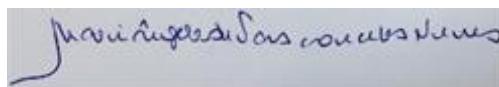
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Aprovado em: 30/08/2023

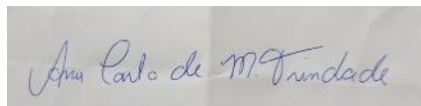
BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Dayane Nascimento Sobreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Me. Ana Carla de Medeiros Trindade
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

A todos aqueles que estiveram ao meu
lado, me apoiando e inspirando ao longo
desta jornada,
DEDICO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 USOS DA TECNOLOGIA NA PANDEMIA: ACESSO E IMPACTOS NO ENSINO.....	11
2.2 O ENSINO DE HISTÓRIA PAUTADO EM NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER.....	14
2.3 TECNOLOGIAS E ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO PANDÊMICO: ENTRE CICATRIZES E NOVAS POSSIBILIDADES.....	16
3 DISCUSSÃO E RESULTADOS	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22
ANEXO A	26
AGRADECIMENTOS	27

TECNOLOGIAS E ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2023)

Adriano Neris da Silva*

RESUMO

Este artigo busca discutir acerca da importância das tecnologias no ensino de História durante a pandemia, estacando a aprendizagem, observando o papel das tecnologias e das novas metodologias do ensino. Pautamos nas experiências dos estágios, acompanhando de perto esse processo educacional, buscando compreender o impacto da pandemia de Covid-19 na educação, que sofreu grandes mudanças e inovações devido ao fechamento das escolas para evitar a propagação do vírus. O ensino à distância expôs desigualdades sociais e digitais, afetando o acesso à educação de alunos com recursos limitados. Nesse sentido, este trabalho visa dar ênfase aos modelos pedagógicos digitais que foram utilizados no modelo de ensino remoto e presencial (pós-pandemia). A proposta é entender a educação na pandemia e esse modelo adaptado para a realidade vivenciada, focando em habilidades que ajudam os alunos a lidar com desafios complexos do mundo moderno. Foi realizada uma análise sobre o impacto da tecnologia e o peso de sua ausência na vida do aluno. Para isso, foi utilizado o método etnográfico observando de perto esse acontecimento, utilizando a sala de aula como laboratório de pesquisa, além de questionários, que foram aplicados com os alunos para a sondagem de hipóteses levantadas durante a pesquisa de campo.

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19; Tecnologias; Ensino de História.

TECHNOLOGIES AND HISTORY TEACHING IN HIGH SCHOOL IN TIMES OF THE COVID-19 PANDEMIC (2020-2023)

Adriano Neris da Silva

ABSTRACT

This article seeks to discuss the importance of technologies in the teaching of history during the return of the pandemic, highlighting learning, observing the role of technologies and new teaching methodologies. We are based on our internship experiences, closely following this transition process, trying to understand the impact of the Covid-19 pandemic on education, which underwent major changes and innovations due to the closing of schools to prevent the spread of the virus. Distance learning has exposed social and digital inequalities, affecting access to education for students with limited resources. In this sense, this paper aims to emphasize the digital pedagogical models that were used in the remote and face-to-face teaching model (post-pandemic). The proposal is to understand if after the return of the pandemic we had an updated model for today, different from the pre-pandemic pedagogical models, observing how changes and innovations were and are being designed, focusing on

* Graduando em Licenciatura Plena em História (UEPB/Campus III). E-mail: adriano.neris@aluno.uepb.edu.br.

skills that help students deal with complex challenges of the modern world. An analysis was conducted on the impact of technology and the burden of its absence on the student's life. For this, the ethnographic method was used by closely observing this happening, using the classroom as a research laboratory, as well as questionnaires, which were applied with the students to probe hypotheses raised during the field research.

Keywords: Pandemic Covid-19; Technologies; History Teaching.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia do Covid-19 afetou a sociedade de várias maneiras e causou grandes perturbações em todas as suas estruturas. A educação passou por várias transformações que levaram a uma série de inovações e consequências, uma vez que as formas de interações entre professores e alunos mudaram drasticamente com o ensino remoto. Segundo a UNESCO (2022), a pandemia afetou mais de 1,5 bilhões de alunos, cujas escolas foram fechadas para evitar a propagação do vírus, alunos e funcionários das escolas tiveram que se adaptar e reformular seus modelos educacionais e modos de vida.

Na educação, podemos destacar o impacto que o Ensino Médio já vinha sofrendo, porém antes disto nos cabe discorrer um pouco acerca dele. Segundo o artigo 35 da Lei 9.394, de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, o Ensino Médio é o final da etapa da Educação Básica que tem por objetivo a consolidação e o detalhamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, além, é claro, da preparação básica para a cidadania. Como parte final da Educação Básica brasileira, o Ensino Médio deve também, conforme aponta Menezes (2021), garantir formas de ensino que estimulem a autonomia¹ dos alunos, além de promover a preparação destes para o trabalho em sociedade.

Segundo as Diretrizes Operacionais das Escolas da Rede Estadual da Paraíba (2022), o Ensino Médio deve concentrar-se principalmente no aprofundamento dos conhecimentos já adquiridos pelos alunos, na preparação básica para o trabalho e na construção da cidadania, além de focar no aprimoramento do aluno enquanto pessoa humana, incluindo sua formação ética. Também é um objetivo do ensino médio intentar o desenvolvimento da autonomia² intelectual dos alunos e de seu pensamento crítico, assim como a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos que permitem a sociedade se desenvolver.

Muitas das vezes os alunos chegam a esta etapa da Educação Básica sem uma base adequada, e isto impõe a eles dificuldades que podem os levar à evasão escolar. Este já era o cenário comum, com a pandemia e as complicações advindas dela tais como: falta de equipamentos, como computadores e celulares adequados; falta de acesso a uma boa conexão de Internet e uma rotina que confundia as questões de casa com as implicações estudantis da escola; com a pandemia tudo se tornou ainda mais desafiador.

¹ A autonomia destacada retoma a uma ideia destacada por Freire, em "Pedagogia do Autonomia", em que retrata uma busca por autonomia como uma ideia de amadurecimento, um desenvolvimento pessoal com consciência crítica e cidadã ao longo da jornada educacional.

² Uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando (FREIRE, 1996).

No meio educacional, as tecnologias da informação, as redes de Internet e o meio digital tornaram-se cada vez mais imprescindíveis para os fins de ensino-aprendizagem. A ascensão do meio tecnológico foi fundamental para o cenário pandêmico e o distanciamento social desencadeado pela Covid-19, e se tornou capaz de ser uma alternativa para viabilizar o ensino remoto e dar continuidade às aulas.

Diante disto, Matos, Simplício e Ribeiro (2021) ressaltam muito bem que:

Não há dúvidas que o cotidiano escolar mudou, assim como outros setores da sociedade, no entanto, ao analisar a educação nesse cenário, é preciso pensar estratégias que minimizem as limitações tecnológicas de milhares de estudantes, bem como as inúmeras desigualdades de acesso aos meios digitais, além de ser relevante pensar a prática docente, a fim de que o professor seja capaz de reinventar-se do ponto de vista didático, objetivando espaços de aprendizagem e construção de conhecimento (MATOS; SIMPLÍCIO; RIBEIRO, 2021, p. 02).

Apesar disso, as autoras Noda e Cainelli (2021) citam que as soluções “inovadoras” são umas das grandes responsáveis pela evasão escolar. Isso expõe muitas desigualdades sociais e digitais que afetam o acesso à educação. Alunos com recursos limitados ou que vivem em áreas rurais ou remotas enfrentaram dificuldades em acessar a Internet e as ferramentas necessárias para o aprendizado on-line.

Com as demandas de acesso impostas aos alunos e professores pelo ensino remoto, as escolas precisaram se reorganizar para realizar um ensino pautado no uso das tecnologias digitais, visto que esta era a única saída para realização das aulas no momento da pandemia. A criação de novas formas de aprendizagem trouxe dificuldades para os que estavam habituados ao ensino tradicional. O G1 (OLIVEIRA, 2020) relatou que mais de 90% dos professores tiveram dificuldade em lecionar à distância, em virtude, de, principalmente, falta de capacitação.

Assim como os alunos, os educadores também foram desafiados, suas capacidades de solução de problemas e capacidades para se reinventar de forma colaborativa e criativa para atender às necessidades individuais de cada aluno expandindo suas possibilidades por meio digitais. Uma vez que o ensino remoto foi o resultado da implementação forçada que em muitos casos erroneamente buscou fazer uma transposição pedagógica do ensino presencial para o digital. O ensino remoto, como sendo a única forma de continuidade da aprendizagem, foi um “modelo” temporário que perdurou durante todo o isolamento social.

O Instituto Unibanco (2020), na série Aprendizados do ensino remoto, destacou que, no Piauí, professores relataram em uma entrevista, que esse período gerou uma situação inédita em que: “nenhum de nós, professores, será o mesmo. A gente teve que aprender muitas coisas novas” (Informação Verbal); e outro profissional completou: “Existem formas diferentes de ensinar que eu não utilizava e que poderei usar na volta do ensino presencial, com resultados positivos” (Informação Verbal).

Dessa forma, cabe lembrar que:

[...] com o avanço da tecnologia, a escola é chamada a desenvolver competências e habilidades necessárias à reprodução do capital, havendo apenas lugar para aqueles que desenvolvem as qualidades técnicas necessárias ao mercado. Neste sentido, as tecnologias ocupam um importante papel no processo de ensino/aprendizado uma vez que auxilia a escola e os profissionais que dela fazem parte, desenvolver estratégias adequadas para o ensino (BAPTISTA, 2020, p. 03).

Diante disso, em um contexto de pandemia, pela necessidade, as aulas remotas introduziram uma nova dinâmica referente à aprendizagem de história, em que o computador e o celular se tornaram fortes aliados, tanto em preparação quanto na execução das aulas. Assim sendo, percebe-se que a dinâmica de ensino sofreu fortes revezes.

Em sala de aula o professor de História se pautava principalmente na dialética e oralidade tendo a comunicação como a principal ferramenta para ensinar e aprender com os alunos. Pois, segundo o patrono da educação brasileira, Paulo Freire, ninguém educa ninguém e ninguém pode educar a si próprio, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo que compartilham (FREIRE, 1987).

Já o processo de ensino da pandemia ganhou versões digitais, como a sala de aula substituída pelo Classroom, e a biblioteca alocada no Drive e recursos audiovisuais presentes na Internet tendo foco principalmente no conteúdo, criando novos meios para acessá-los.

As autoras Noda e Cainelli (2021, p 18) propõem a seguinte pergunta: “é possível a partir da educação histórica ensinar história de forma remota em condições de tensão, conflito e caos?”. É impossível propor aos alunos uma volta à normalidade sem mudanças depois de vivenciar esse período de caos da história recente. Porém, a educação permaneceu, e assim a educação histórica passou por profundas mudanças para promover uma aprendizagem minimamente efetiva.

No que tange à metodologia deste trabalho, em um primeiro momento foi construída uma revisão bibliográfica a fim de tecermos discussões sobre como a pandemia de Covid-19 impactou o ensino de História. Segundo Boccato (2006), a revisão bibliográfica busca a resolução de questionamentos por meio de referenciais teóricos, analisando-os e discutindo as várias contribuições científicas destes. Desta forma, a revisão bibliográfica será nossa maior fonte de informações para suscitar as discussões referentes aos desafios que a pandemia trouxe para o ensino de história, principalmente no Ensino Médio.

Optamos por fazer, em linhas gerais, uma pesquisa do tipo qualitativa, uma vez que ela contempla os elementos que buscamos desenvolver aqui de modo que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p 21-22).

Fizemos uso, ainda, de uma pesquisa de campo. Junto aos alunos dos municípios da 2ª Regional de Ensino, utilizamos formulários semiestruturados do Google Forms que foram aplicados no mês de maio de 2023 com 58 alunos a fim de agregar dados reais a nossa discussão. Pois, para Severino (2007, p 123), “na pesquisa de campo o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio” desta feita nos coube agregar dados diretamente dos alunos em questão.

Nesta pesquisa de campo, os questionários foram aplicados com os estudantes do Ensino Médio³, mais precisamente das escolas públicas E.E.E.F.M. João de Freitas Mouzinho e E.E.E.F.M.N. Pedro Targino da Costa Moreira, localizadas na cidade de Sertãozinho e Cacimba de Dentro, na Paraíba, os quais a faixa etária dos alunos

³ É importante ressaltar que a implementação do Novo Ensino Médio com escolas de tempo integral é uma realidade no Brasil e na Paraíba, porém essa não era uma realidade consolidada no momento da pesquisa.

estavam na dos 15 aos 20 anos. Em sua maioria alunos de zona rural com média salarial familiar de 1 a 2 salários mínimos com realidades semelhantes em ambas as escolas.

A aplicação de questionários serve como base de dados tanto de uma pesquisa qualitativa quanto quantitativa, embora adotemos aqui o modelo qualitativo, pois atende às necessidades de suscitar informações para construir todo um arcabouço de um estudo científico, especialmente nas Ciências Humanas.

Utilizado como reforço do relato da experiência vivida em sala de aula, a qual foi utilizado o método etnográfico adaptado de Pimentel (2014), que mescla a observação junto com a aplicação de perguntas para relatar um pouco da vivência em sala de aula. Parti da observação participante nos estágios de História a qual observei uma turma de ensino médio que tinha acabado de retornar para as aulas presenciais depois da pandemia.

Entendemos desde já que no modelo pedagógico após o período da pandemia a tecnologia vai estar cada vez mais presente na rotina educacional, diante disto surge um importante questionamento: o que devemos fazer com toda a experiência e acesso aos recursos que advieram do período em que vigorou o ensino remoto e híbrido? Certamente há muito o que aprender com este momento ímpar da história da educação contemporânea e muito a reutilizar (ou ressignificar) para as futuras aulas de História.

Diante do exposto, o foco principal desse estudo é entender os efeitos da utilização da tecnologia no contexto deixado pela pandemia, especialmente no ensino de História, e, analisando os questionários e a partir do método etnográfico em sala de aula, compreender o período de pós-pandemia e suas sequelas no modelo educacional, observando o impacto sobre alunos, se atentando às suas diferenças e especificidades sociais, econômicas e estruturais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 USOS DA TECNOLOGIA NA PANDEMIA: ACESSO E IMPACTOS NO ENSINO

A tecnologia oferece um conjunto de ferramentas indispensáveis para o funcionamento da sociedade e está cada vez mais avançada em todos os setores, inclusive na educação, durante o confinamento pandêmico as ferramentas foram de grande ajuda para auxiliar na quebra da barreira geográfica, ocasionada pela Covid-19. Durante a pandemia o uso de aparelhos celulares foi significativo para o andamento das aulas de forma remota, recursos como o *Meet* e *Zoom* ofertaram um ambiente de sala de aula acessível para todos os alunos que dispuserem das tecnologias necessárias para acessá-los.

Oliveira, Silva e Carvalho (2021) destacam que quando considerarmos as condições materiais de escolas, estudantes e professores, sobretudo da escola da rede pública de ensino, é claramente perceptível que depois de um ano de pandemia as escolas e residências não estavam preparadas para esta modalidade de ensino, nem em relação à adequação de espaços, ou acesso a equipamentos de informática e nem mesmo de conexão a uma Internet rápida que pudesse atender professores e alunos.

É fato que as condições socioeconômicas atuam fortemente na relação de aprendizagem dos alunos. Sousa e Adrião (2020) defendem que não devemos ignorar as situações as quais se encontram as famílias, pois as vulnerabilidades existiam antes mesmo da pandemia. E se não há condições econômicas favoráveis, haverá

exclusão no ambiente educacional, seja pela falta de recursos ou de qualquer outra necessidade fundamental ao aprendizado.

Durante o ensino remoto emergiu a falta de estrutura para dificultar o processo de ensino aprendizagem como a falta de acesso à Internet e de aparelhos para o acesso ao ensino digital que a pandemia ditou. No entanto, percebemos uma clara desigualdade social, pois por um lado temos alunos com todo suporte educacional (em termos de equipamentos e redes de alta velocidade), por outro lado, temos alunos que carecem de muitos recursos educacionais, econômicos e, sobretudo, de uma estrutura que possibilite o ensino remoto (BARRETO; ROCHA, 2020).

É preciso considerar o acesso dos alunos a equipamentos como celulares e computadores, além de pacotes de Internet que possam permitir a transmissão das aulas. Por outro lado, precisamos considerar a familiaridade dos professores com o manuseio de equipamentos e programas, editar vídeos, etc. Silva (2020) nos revela que essa reflexão envolve uma nova maneira de entender a relação entre ensino e aprendizagem nos moldes que a pandemia ditou e focar nos métodos de ensino mais eficientes para a nova geração que nasceu imersa na tecnologia.

O uso das tecnologias digitais pode ajudar a dinamizar a prática de ensino tendo em vista que a mesma oferece uma gama de opções e se tornam importantes ferramentas didáticas. De acordo com Gadotti (2001, p 13):

As novas tecnologias da informação criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa pois podem, de lá, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, buscar “fora” – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento.

Autores como Garcia (2013) e Rischbieter (2009) discorrem a respeito da ideia de que o uso destas tecnologias é essencial para os processos educativos e podem contribuir imensamente para a aprendizagem dos alunos. Infelizmente muitos estudantes não possuíam um celular ou computador para acessar aulas no momento pandêmico que vivemos. Baptista (2020) pontuou que as tecnologias ocupam um importante papel no processo de ensino/aprendizado uma vez que auxiliam a desenvolver estratégias adequadas para o ensino remoto.

É evidente que a tecnologia permite o acesso a consideráveis volumes de informações, entretanto, sozinha, não pode promover a aprendizagem de forma totalmente autônoma para aqueles que têm acesso a elas. Assim sendo, é importante ressaltar que a relação de ensino estabelecida por meio do uso dessas tecnologias depende de uma mediação por parte dos professores. Sobre isso, Duarte (2020) destaca que os professores são provocados a se reinventar buscando meios de promover uma educação ativa frente ao ensino remoto. Muitos são os desafios e a mediação pedagógica é uma das principais adversidades deste novo modelo de ensino.

Acerca disso devemos considerar o impacto sobre o processo de ensino, como dito pelo Ministério da Educação (2020), quando a educação sofreu efeitos tempestivos por causa da suspensão das aulas e isto fez com que professores e alunos tivessem que se reajustar quase que instantaneamente às novas formas de ensinar e aprender. Nesse contexto, o uso das tecnologias e as aulas remotas surgiram como alternativas a duras penas para dar seguimento às atividades escolares.

O contexto educacional durante esse período demonstrou que existem prós e contras nesta nova modalidade de ensino: de um lado temos o avanço da tecnologia, novas formas de ensinar e de aprender, por outro lado temos as dificuldades de acesso, e a sobrecarga de trabalho que os professores têm sofrido. Portanto, é possível destacar que houve uma gama de situações de acesso e desenvolvimento do ensino durante o referido período.

Nesse tempo os professores trabalharam nas suas casas, dividiram computadores com parentes, pagaram contas de internet e energia elétrica de seus próprios bolsos. Estes profissionais tiveram pouco respaldo por parte do Estado. O Ministério da Educação (2020) aponta para isso quando afirma que os professores tiveram que se ajustar rapidamente às novas demandas de ensino, num contexto onde o uso das tecnologias digitais passou a ser obrigatório.

O Plano Educação para Todos em Tempos de Pandemia (PET-PB) foi lançado na Paraíba em fevereiro de 2021 e define o processo de retomada das aulas presenciais dos Sistemas Educacionais da Paraíba, segundo informa o site oficial do estado (2021). Embora este plano educacional tenha seus reconhecidos méritos, ele não pôde suprir sozinho todas as necessidades dos professores que de suas casas, e com seus recursos atuaram como luzes no caos.

Santos (2020) apontou que ensino remoto tem deixado suas marcas, seja para o bem ou para o mal. Para o bem porque permite encontros e boas dinâmicas curriculares junto a rotinas de estudo, e a garantia de encontros com a turma no contexto da pandemia. Para o mal porque repetem modelos massivos e não exploram as potências da cibercultura para a educação, estes modelos massivos causam tédio, desânimo e exaustão mental de professores e alunos. Isso tem causado traumas e reatividade negativa à educação mediada por tecnologias no pós-pandemia.

A inserção da tecnologia criou uma nova quebra no paradigma educacional, uma nova maneira de aprender e ensinar, em que erroneamente muitos profissionais procuraram migrar o ensino presencial para o meio on-line ao invés de efetuar uma mediação procurando atender a necessidade do meio ao qual estavam inseridos. No entanto, é preciso entender que houve uma falta de preparo e capacitação para atuação desses profissionais, uma vez que

O ponto principal aqui é a mudança qualitativa nos processos de aprendizagem. Procura-se menos transferir cursos clássicos para formatos hiper-mídia interativos ou "abolir a distância" do que estabelecer novos paradigmas de aquisição dos conhecimentos e de constituição dos saberes. A direção mais promissora, que por sinal traduz a perspectiva da inteligência coletiva no domínio educativo, é a da aprendizagem cooperativa. Alguns dispositivos informatizados de aprendizagem em grupo são especialmente concebidos para o compartilhamento de diversos bancos de dados e o uso de conferências e correio eletrônicos (LÉVY, 1999, p. 170).

Muitas ferramentas utilizadas na pandemia permanecem até os dias atuais, otimizando o processo e facilitando a conexão entre pessoas. A Internet criou uma nova linguagem para a atualidade. Pensemos no seu uso colocado em prática em uma escala nunca vista antes e da forma como era utilizado, por exemplo, o Google Classroom. Apesar disso, precisamos destacar que:

Estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares, reincorporem virtualmente seus

autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso (KENSKI, 2004, p. 67).

Diante disso, podemos fazer uso dos questionamentos levantados por Souza (2020), em que a autora aponta as seguintes questões: “como manter os vínculos com os alunos sem estar no mesmo espaço físico? Como utilizar as tecnologias da informação e comunicação (TICs) para aprender e ensinar?” (SOUZA, 2020, p. 03). Estas questões norteiam nossas inquietações intelectuais acerca do ensino na pandemia, especialmente o de História, que abordaremos logo a seguir.

2.2 O ENSINO DE HISTÓRIA PAUTADO EM NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER

A crise pandêmica gerada pela Covid-19 abalou as bases das estruturas de nossa sociedade e ampliou ainda mais suas contradições já existentes, sem falar no luto coletivo vivenciado. A desigualdade social, que já é muito grande na chamada “vida normal”, intensificou-se. Desta forma, o sistema educacional foi também fortemente afetado, especialmente professores e alunos foram obrigados a se adaptar a diferentes modelos operacionais, entre eles o ensino remoto, conforme apontou Bittencourt (2021). Saímos do ambiente educativo presencial para o digital, tornando o aluno um ser ativo e corresponsável por sua aprendizagem.

Sabemos muito bem que o ensino de História se baseia na sua ciência de referência e implica que o aprendizado da história é o ponto inicial para o desenvolvimento do pensamento histórico. A aprendizagem é um processo dinâmico e vivo no qual os estudantes mudam em função das realizações e ganhos intelectuais que adquirem. Na ciência histórica, a história se torna conhecimento consciente uma vez que se entende as causas de fatos objetivos e eventos de grande importância no tempo passado (CAINELLI, 2012).

A História é uma disciplina que está inserida na educação básica, desta forma, entendemos, à luz do pensamento de Brodbeck (2012), que seu ensino deve ter como ponto de partida a compreensão da vida diária de cada estudante para que o mesmo possa entender a dimensão destas experiências em sociedade e, dessa forma, cabe ao educador introduzir as temáticas de modo com que ele perceba a história se constrói, e que o mesmo como indivíduo social também tem seu papel nesse processo de construção.

No que tange ao ensino de História, já existiam questionamentos acerca do ensino e da didática dessa disciplina. Uma das discussões mais importantes sobre o ensino de história, por exemplo, se relacionam com a aprendizagem de história e como ela ocorre. Cruz (2016) nos impele a refletir as seguintes questões: “como crianças e adolescentes podem aprender história? Quais operações cognitivas são necessárias para isso?” (CRUZ, 2016, p. 05). Essas questões trazem para o campo da aprendizagem e do ensino de história discussões acerca do método e da forma de ensiná-la.

Com a nova realidade da pandemia, estes questionamentos apenas aumentaram e a dificuldade de lecionar esta disciplina também. Então vem a necessidade adaptação e superação das barreiras por parte de alunos e professores, pois

O contato com as novas tecnologias – para a Educação Básica presencial emergencial – causou um lugar de entrecruzamento, de intersecção. Tudo o que é novo causa um sentimento de “estranho”. Assustar-se com o “nunca

visto” reside no fato de que a maioria dos conhecimentos está fora da gente. Por mais estudioso que um humano seja, por mais que se esforce em aprender, ele sempre será surpreendido pelo desconhecido: nesse momento, a sensação que sentimos, nos conceitos da educação intercultural, é denominada como “estranhamento” (PASINI, 2020, p. 04).

Desta forma, a pandemia, escancarou a impossibilidade de distanciamento de alguns alunos, e revelou também a vulnerabilidade da escola pública que acabou sofrendo de forma mais direta esse impacto uma vez que:

[...] é possível relatar que o formato de ensino remoto emergencial revela uma realidade de alunos que encontram dificuldades na forma de acessar as aulas, pois são poucos os que têm acesso à internet e a um dispositivo móvel, sendo assim, tornando-se impossível eles terem a oportunidade de acompanhar o andamento das aulas. Por sua vez, os professores que vêm tendo uma “carga horária ainda mais pesada”, buscam alternativas para levar a esses alunos as atividades planejadas, e uma delas é que as escolas passaram a disponibilizar materiais impressos para esses alunos não ficarem atrasados em relação aos conteúdos programados pela instituição (SILVA; BEZERRA; ADRIÃO, 2020, p. 04).

Diante das dificuldades de efetivar o ensino de História, precisamos ressaltar a importância dele, pois, segundo Rüsen (2015), a consciência histórica está diretamente ligada à identidade. É preciso compreender como os estudantes constroem a sua percepção do conhecimento histórico levando em consideração as suas respectivas identidades e o seu meio de vida, além de seus conhecimentos próprios, exteriores à escola. O contexto oriundo da pandemia do coronavírus criou condições específicas em que essas aprendizagens se reconfigurassem bruscamente, o que nos leva a pensar nas mudanças relacionadas às formas de aprender a pensar historicamente.

Nestas condições, conforme apontam Gonçalves e Sobanski (2022), novos desafios, como o de manter professores e estudantes em contato entre si demandaram de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional uma relação mais estreita com a tecnologia. Diante disso, os professores de História passaram a ter que lidar mais com as informações e fontes disponíveis na Internet para desenvolver novas metodologias de ensino que pudessem alcançar seus alunos.

Na medida em que a expansão do vírus crescia, os professores tinham de selecionar o que era mais importante diante das muitas limitações de acesso, tempo e condições de ensino. A nova realidade imposta passou a exigir dos educadores uma tomada de decisão sobre como ensinar e o que ensinar em meio às restrições impostas pela realidade social de cada grupo de alunos, pois pensar na dimensão social dos estudantes é uma tarefa que veio à tona de forma abrupta neste contexto.

Neste sentido, cabe destacar que:

Um ensino de História coerente deve estar conectado com as reais necessidades dos sujeitos que frequentam as escolas das diferentes regiões do país. Professores e pesquisadores têm essa função: trazer à tona as necessidades e especificidades de cada recanto do território, para que a materialidade desses processos chegue às instâncias governamentais. Esse tipo de ensino está diretamente ligado à noção de cidadania e de consciência histórica dos sujeitos, que se constrói por meio de um ensino de história ressignificado e conectado a essa realidade (GONÇALVES; SOBANSKI 2022, p. 14).

Dessa maneira, Vani Kenski (2011) destaca a importante relação entre a educação e o acesso à tecnologia colocando a ênfase no desenvolvimento constante de inovações tecnológicas que alcancem a todos. A autora pontualmente ressalta a indissociabilidade entre educação e tecnologia, e não deixa de salientar os vínculos entre relações de poder e tecnologia, sejam elas no âmbito educacional ou social.

Pensar no conhecimento histórico é uma tarefa que veio à tona de forma abrupta e inesperada neste contexto de pandemia, estimulando reflexões que nos ajudam a pensar em que ensino de História queremos ensinar em nossas escolas. Um ensino de história coerente deve atender às reais necessidades dos alunos que frequentam as escolas deste país. Esse tipo de ensino está diretamente ligado à noção de cidadania e de consciência histórica que se constrói por meio de um ensino justo e equitativo (NICOLINI; MEDEIROS, 2021).

2.3 TECNOLOGIAS E ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO PANDÊMICO: ENTRE CICATRIZES E NOVAS POSSIBILIDADES

O momento ímpar que a educação passou nos últimos três anos desencadeou profundas mudanças nas formas de ensinar e aprender. O celular, vilão da sala de aula, se tornou um grande aliado; professores que não atualizavam suas práticas foram obrigados a fazer uso de recursos tecnológicos, sem dúvidas houveram contradições neste processo. Cicatrizes e novas possibilidades emergiram deste emaranhado de contradições, dificuldades e superações.

Toda a sociedade foi obrigada pela necessidade de se conectar, aumentou-se a aquisição de aparelhos celulares principalmente entre jovens e adultos fazendo com que na volta as aulas tivéssemos alunos muito mais dependentes da tecnologia encontrada nos aparelhos celulares. Isso pode ser observado de forma empírica, e esse fenômeno é conhecido como nomofobia, um conceito da era digital contemporânea, com a sua origem no Reino Unido como apontou Bhattacharya et al. (2019). As autoras Ana Paula Pinheiro e Fernanda Pinheiro (2021) explicam que a palavra nomofobia surge quando:

A expressão “no mobile” (ou seja, sem aparelho móvel-celular) é associada ao sufixo fobia (‘nomobile-phone phobia’), refere-se à condição psicológica do medo, temor de ficar sem o celular (‘smartphone’) ou ser incapaz de utilizá-lo seja em consequência da falta de internet ou carga de bateria; pode ser entendido, por extensão, também como o medo, a angústia e a ansiedade de permanecer desconectado (PINHEIRO; PINHEIRO, 2021, p. 11).

A dependência da tecnologia foi e é um fato providente da pandemia, não há dúvidas que se antes dependíamos da Internet e de aparelhos como celulares e computadores para promover a relação de ensino aprendizagem, agora eles são elementos indissociáveis do processo educativo. Nos tempos de pandemia, computadores, celulares, e tablets tornaram-se “portais” que podem levar o alunado para um ambiente de ensino e construção de conhecimentos que são essenciais à formação de sua consciência histórica.

O que pretendemos destacar é a importância destas ferramentas tecnológicas durante o momento pandêmico, e principalmente após ele. Martins e Almeida (2020) destacam o uso dessas ditas ferramentas e suas aspirações para um momento posterior à pandemia:

Que as tecnologias utilizadas sejam interfaces de construções conjuntas, de formas síncronas e assíncronas, potencializando os debates, o pensamento

crítico, a criatividade, o fazer em conjunto, as reflexões a respeito da experiência social imposta pela pandemia, a comunicação efetiva e amorosa, o currículo integrado com a realidade dos estudantes, atos de currículo multidisciplinares que reúnam professores, projetos que possam ser realizados para encontrar soluções para problemas contemporâneos e tantas outras discussões necessárias para uma educação de qualidade e que se tornam essenciais à formação do cidadão pronto para lidar com o novo mundo que está por vir. Ao menos é isso que desejamos para o período pós-pandemia: que haja transformação. Um mundo que esperamos ser diferente do atual. Não desejamos voltar ao normal. Desejamos a transformação, mas para melhor. Vamos esperar! (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 223)

Para tanto, pretendemos enxergar as tecnologias como novas aliadas ao invés de ferramentas, cujo uso era obrigatório. É fato que a pandemia de Covid-19 acelerou a introdução das tecnologias na educação, que ocorreu de forma repentina. Portanto, compreender as novas formas de aprendizado se faz essencial para professores e alunos; precisamos estar prontos para aderir a estas e outras possíveis mudanças na educação que podem vir em função dos avanços tecnológicos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os estágios supervisionados foi observado o grande uso de aparelhos celulares em sala de aula, muitos adolescentes usando-os de forma compulsória. Mesmo deduzindo a possibilidade que possa ser um evento natural do mundo globalizado, não podemos negar que a pandemia foi a responsável por acelerar esse processo de uso massivo em nosso país. Segundo o site Extra (2022), os aparelhos celulares passaram de 62% em 2016 para 99,5% dos domicílios com acesso à rede em 2021, e tomaram espaço nas residências frente aos computadores.

Figuras 1 e 2 – Uso do celular pelos discentes



Fonte: O autor (2022)

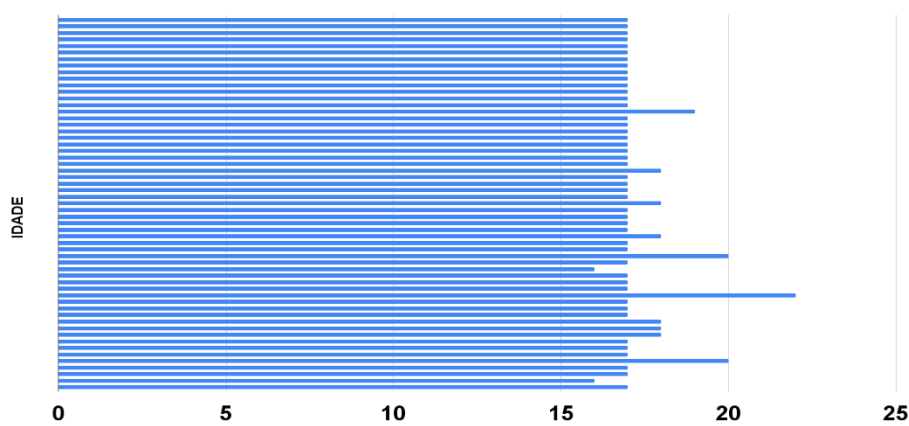
A experiência vivenciada relata uma sala de aula que acabou de sair do confinamento pandêmico, são as primeiras aulas sem grandes restrições de contato

físico, muito do cotidiano da pandemia ainda estava presente no ambiente escolar. Nisso, a necessidade da utilização do celular é visível, pois os alunos aprenderam a usá-lo para tarefas do cotidiano escolar como apresentação de seminários, tirar dúvidas e pesquisar sobre o assunto ministrado pelo professor.

Quanto a nossa pesquisa de campo, ela envolveu 58 alunos do Ensino Médio das escolas E.E.E.F.M. Joao de Freitas Mouzinho e E.E.E.F.M.N. Pedro Targino da Costa Moreira, localizadas nas cidades de Sertãozinho e Cacimba de Dentro, na Paraíba. A faixa etária dos alunos era dos 15 aos 20 anos, conforme apontamos abaixo:

Gráfico 1 – Faixa etária dos alunos

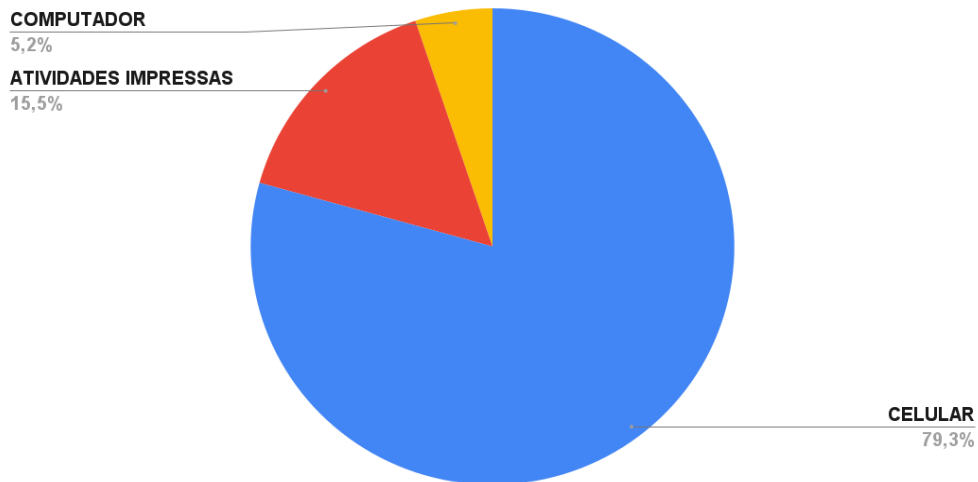
Idade dos alunos participantes da pesquisa.



Fonte: O autor (2023)

Tendo em vista o perfil dos alunos, nos coube descobrir o principal recurso utilizado por eles neste período. A pesquisa realizada demonstrou que o celular, é o principal meio de acesso para as aulas. O celular, na maioria das vezes, é o item mais acessível e barato, por isso representa o meio de acesso com cerca de 79,3% dos estudantes envolvidos na pesquisa. Esse dado se justifica pelo fato da maioria dos alunos estarem em uma situação social vulnerável e que, por isso, precisam recorrer a meios mais acessíveis. Observe o gráfico abaixo:

POR MEIO DE QUAL RECURSO TECNOLÓGICO VOCÊ ACOMPANHOU AS AULAS VIRTUAIS?



Fonte: O autor (2023)

Percebemos então que muitos alunos fazem uso do celular e, neste sentido, à luz do pensamento de Alves, Santos e Freitas (2017, p. 10), podemos perceber que “as tecnologias, nesse sentido, são compreendidas como instrumentos culturais simbólicos que permitem que os estudantes sejam coautores no processo dinâmico de relações que envolvem o ensino e a aprendizagem”. Ou seja, é por meio deste recurso digital que, como bem destaca Garcia (2013), a utilização das tecnologias na aprendizagem passa a ser um fator de inovação pedagógica, o que possibilita novas alternativas diante das transformações sociais (a exemplo o que houve durante a pandemia de Covid-19 em todo o Brasil).

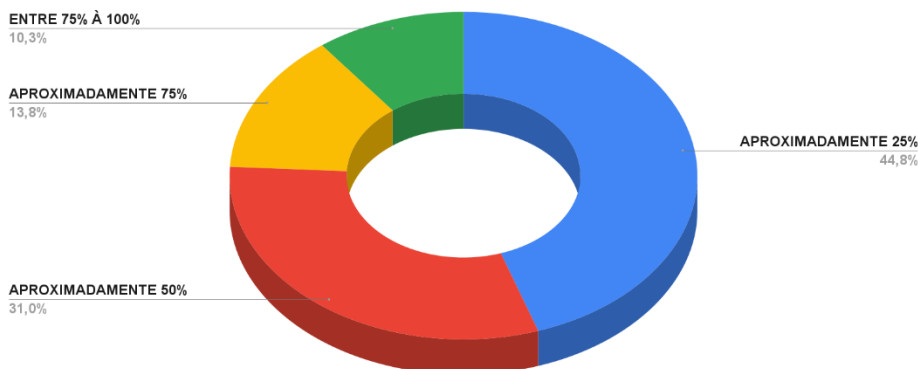
Evidenciamos em nossa pesquisa que a grande maioria dos alunos relatou profundas dificuldades com relação aos meios tecnológicos e sua aprendizagem durante o período pandêmico. Ainda que existam muitas possibilidades oriundas do uso das tecnologias na educação, devemos nos atentar para o que Barbosa (2021) nos diz acerca dos contratemplos pertinentes ao:

[...] ensino remoto, [que] vai desde a falta de universalização de acesso aos recursos tecnológicos, até a falta de proximidade de alguns docentes, que se formaram há alguns anos atrás e não tiveram formação continuada com a apropriação pedagógica nas TDIC, como também o desgaste emocional e mental para ministrar as aulas remotas, muitos professores se encontram com o psicológico abalado, e exaustos com essa prática pedagógica (BARBOSA, 2021, p. 23).

Diante disso, buscamos avaliar a qualidade da aprendizagem desenvolvida nas escolas alvos da pesquisa. Em nosso questionário solicitamos que os alunos quantificassem sua aprendizagem durante o ensino médio, o qual ocorreu no período da pandemia. Em consonância com as respostas disponibilizadas, geramos o seguinte gráfico:

Gráfico 3 – Aprendizagem histórica durante a pandemia

PORCENTUAL DE APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA DURANTE O ENSINO NA PANDEMIA.



Fonte: O autor (2023)

Evidenciamos percentuais preocupantes: apenas 10% dos alunos tiveram uma percepção de aprendizado superior a 75%, e, por outro lado, 44% dos alunos afirmaram ter aprendido apenas um quarto dos conteúdos que tiveram acesso. Cabe considerar que provavelmente os alunos não tiveram contato com a totalidade dos assuntos presentes em sua grade de conteúdo padrão prevista na BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Talvez isso se explique nas palavras de Goldani, Togatlian e Costa (2010, p 13), que afirmam que “a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem está impregnada de afetividade”. Assim sendo, entendemos que com uma boa relação com o aluno podemos conseguir uma maior chance de fazê-lo aprender os conteúdos desejados. Em um contexto de ensino remoto (e mesmo híbrido), notamos que o relacionamento com os alunos ficou em segundo plano, a distância física e o pouco aparato tecnológico disponível foram os principais causadores desta lacuna educacional que mostra seus efeitos até os dias de hoje.

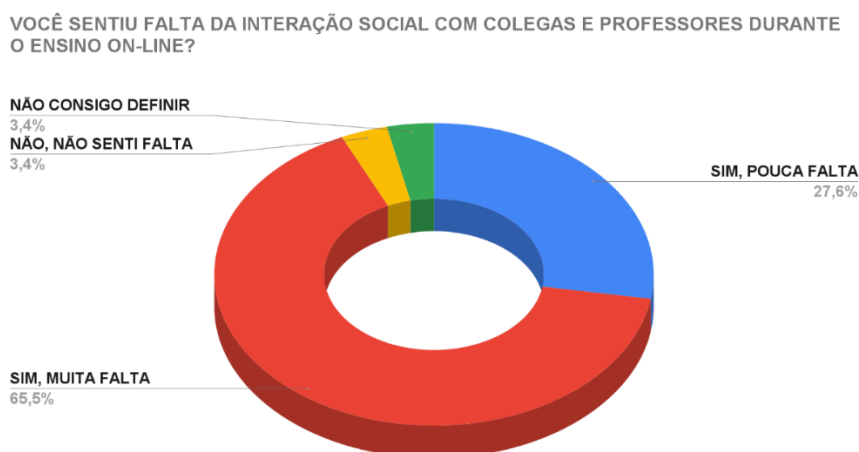
A relação professor/aluno é um dos pontos mais delicados e importantes para a manutenção de uma boa aprendizagem. Destacamos o que defende Libâneo (1994), onde ele nos ensina que o professor não apenas transmite informações ou faz questionamentos, além disso, ele lhes dá atenção, ouve os alunos, cuidando para que se expressem e exponham suas opiniões como indivíduos próprios e conscientes de si e do que devem ser.

Acerca disso, evidenciamos que a falta do contato com os professores, e colegas de classe trouxe prejuízos ao alunado, o principal deles a perda de um diálogo de qualidade. Segundo Paulo Freire:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2000, p. 91).

Em nossa pesquisa ficou claro que a falta de contato afetou os alunos. Eles mesmos demonstraram que sentiram muito a falta de seus professores: 65% deles relataram o mais alto nível de carência disposto na questão formulada. Observe o gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Falta de interação durante a pandemia



Fonte: O autor (2023)

Constatamos, portanto, que a pandemia afetou os alunos, especialmente de modo negativo e tendo no nosso horizonte a perspectiva da aprendizagem histórica. Podemos perceber que ainda que houvesse limitações impostas pelos desafios da pandemia, a educação pode resistir e superar essa barreira com o que foi viável fazer no momento. Mesmo que tenham havido limitações, prejuízos e lacunas, os processos educativos puderam ser reestabelecidos, e, dessa maneira, mesmo diante de tudo isso que elencamos, essas desvantagens puderam ser contornadas e minimizadas pelo uso contextualizado das tecnologias, a exemplo do uso de celulares que ocorreu de forma massiva, conforme demonstramos anteriormente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

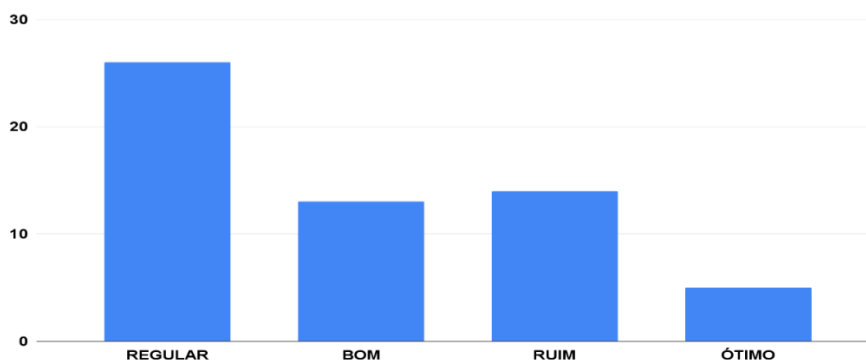
Diante das averiguações aqui desenvolvidas, evidenciamos que a atividade educativa não se fez do modo esperado, em sua totalidade, simplesmente pela introdução dos meios tecnológicos disponíveis como simples recursos. Entendemos que, ainda que a educação tenha superado o momento de pandemia, marcas foram deixadas especialmente no que tange ao aprendizado dos alunos.

Em sala de aula foi observado que os alunos ficaram descontentes com o período que passaram afastados dos professores e sentiram que muitas de suas capacidades foram perdidas durante esse período; compartilham da sensação de que passaram anos sem estudar, mesmo tendo acesso às aulas remotas.

Os alunos envolvidos na pesquisa relataram que realizar as aulas no período pandêmico foi uma experiência diferente do habitual, que, por conta dos recursos limitados, a classificação dessa experiência atingiu níveis regulares de satisfação, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 5 – Aulas na pandemia: um balanço

CLASSIFIQUE COMO FOI REALIZAR AS AULAS DE FORMA REMOTA NOS ANOS DE 2020, 2021 E 2022.



Fonte: O autor (2023)

Entendemos que para educar, todo processo é codependente da abordagem utilizada, da interação entre o professor e seu aluno e do planejamento para desenvolver a prática de ensino. O processo de ensino-aprendizagem só se desenvolve de forma eficaz quando as condições pré-estabelecidas e, neste caso, relações entre os sujeitos da escola, estão dentro dos níveis aceitáveis; algo que sabemos que não aconteceu durante o auge da pandemia e dos anos subsequentes.

Desta forma, observamos que para o componente de História, o contato social é um de fundamental importância. Com o gradual retorno, os alunos e professores puderam coexistir em seu espaço habitual mais uma vez. Esse reencontro foi fundamental para retomar o andamento das aulas de História, ainda que encontrasse dificuldades de ordem estrutural no ambiente escolar.

Por fim, ressaltamos que a função do educador no processo de ensino-aprendizagem, como bem defendeu Moran (2015), é de imensurável importância no sentido de que é este profissional que vai criar os caminhos, administrar os processos de aprendizagem, além de articular as estratégias de ensino individual e em grupo dos estudantes, de maneira que melhore e desenvolva o aprendizado – ou a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Raissa Meireles da Silva. Contribuições, significados e desafios do ensino remoto junto as aulas de Geografia no município de Guarabira/PB. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas. ROCHA, Daniele Santos. Covid-19 e Educação: Resistências, Desafios e (Im)Possibilidades. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa**, v. 02, p. 01-11, 2020.

BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida et al. Inovações tecnológicas, educação e necessidades do capital. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 15, n. 01, 2020.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Ensino Remoto e extenuação docente. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 227, 2021.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de implementação de protocolos de retorno das atividades presenciais nas escolas de educação básica**. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/GuiaDeretornodasAtividadesPresenciaisnaEducaoBsica.pdf>. Acesso em: 04 maio 2023.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a História: Metodologias do ensino da história**. Curitiba: Editora Base, 2012.

CAINELLI, Marlene. A escrita da história e os conteúdos ensinados na disciplina de história no ensino fundamental. **Educação e filosofia**, v. 26, n. 51, p. 163-184, 2012.

CRUZ, Nathalia Alves da et al. Ensino de computação de forma multidisciplinar em disciplinas de história no ensino fundamental: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 24, n. 03, 2016.

DUARTE, Kamille Araújo [et al]. Desafios dos docentes: as dificuldades da mediação pedagógica no ensino remoto emergencial. **Anais VII CONEDU** - Edição Online. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/68292>. Acesso em: 07 maio 2023.

EXTRA. **Na pandemia, celular toma espaço de computador e TV nos lares brasileiros**. s.l., 2022. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/na-pandemia-celular-toma-espaco-de-computador-tv-nos-lares-brasileiros-rv1-1-25573750.html#:~:text=Na%20pandemia%2C%20a%20televis%C3%A3o%20e,3%25%20de%202019%20para%202021>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO UNIBANCO. **Professores Destacam Uso Da Tecnologia No Ensino e Aproximação com as Famílias Como “Legado” da Pandemia**. s.l., 2020. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/professores-destacam-uso-da-tecnologia-no-ensino-e-aproximacao-com-as-familias-como-legado-da-pandemia/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

- GADOTTI, Moacir. Informação, conhecimento e sociedade em rede: que potencialidades? **Revista Educação, Sociedade e Culturas**, n. 23. 2001.
- GARCIA, Fernanda Wolf. A importância do uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. **Educação à Distância**. Batatais-SP, v. 3, n. 1, 2013.
- GOLDANI, Andrea. TOGATLIAN, Marco Aúrelio. COSTA, Rosane de Albuquerque. **Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola**. Rio de Janeiro: Epapers, 2010.
- GONÇALVES, Rita de Cássia; SOBANSKI, Adriane de Quadros. Educação Histórica, Pandemia e Ensino De História: Validação do Conhecimento Histórico em Tempos de Internet/Revisionismo. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 2, jun. 2022.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e à distância**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2008.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Redoc**, v. 4, n. 2, 2020.
- MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- MENEZES, Jones Baroni Ferreira de. Práticas de avaliação da aprendizagem em tempos de ensino remoto. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**. v. 2, n. 1, 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. **Aprendizagem Histórica em Tempos de Pandemia**. Estudos Históricos Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 281-298, 2021.
- NODA, Marisa; CAINELLI, Marlene. **A escola e o ensino de história: repensando a aula de história em tempos de pandemia**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.
- OLIVEIRA, Elida. **Quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remotas antes da pandemia; 42% seguem sem treinamento, aponta pesquisa**. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/08/quase-90percent-dos-professores->

[nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-42percent-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa.ghhtml](#). Acesso em: 17 abr. 2023.

OLIVEIRA, Antônio Marques de; SILVA, Sirneto Vicente da; CARVALHO, Antônio Marcos Rocha de. Reflexões críticas sobre a proposta de ensino híbrido: entre a aparência e a essência. **Revista Cocar**, v.15, n. 33, 2021.

PARAÍBA. **Diretrizes operacionais das escolas da rede estadual da Paraíba para 2022**. João Pessoa, 2022.

PARAÍBA, Governo Estadual. **Plano Educação para todos em tempos de Pandemia (PET-PB)**. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao/programas/plano-educacao-para-todos-em-tempos-de-pandemia-pet-pb>. Acesso em: 08 jun. 2023.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati [et al]. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19 (OSE)**, 2020.

PIMENTEL, Álamo. **A Atitude Etnográfica na Sala de Aula**: descolonizando os processos de ensino. **REALIS**, v. 04, n. 02. 2014.

PINHEIRO, Ana Paula; PINHEIRO, Fernanda. O Uso do Celular em Tempos de Pandemia – Uma Análise da Nomofobia entre os Jovens. **ReTER**, v. 02, n. 03, 2021.

RISCHBIETER, Lucas. Os inimigos da infância. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2009.

RÜSEN, João. **Humanismo e Didática da História**. Curitiba: W.A. Editores, 2015.

SANTOS, Edméa. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? **Revista Docência e Cibercultura**. s.l., 2020. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 06 mai. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquin. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ellery Henrique Barros [et al]. Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, p. 29-44, 2020.

SIMPLÍCIO, Antônia Karina Mota; MATOS, Érica Gonçalves de; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Os desafios atuais do ensino remoto: uma didática replanejada. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 01-09, 2021.

SOUZA, Elmara Pereira de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 17, n. 30, 2020.

SOUSA, Antonia Daniela de; ADRIÃO, Maria Antonia Veiga. Educação Básica: Ensino Fundamental em tempos de quarentena (Município de Santana do Acaraú – Ceará). Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História – Perspectivas Web, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: ABEH, 2020.

UNESCO. **Educação: do fechamento das escolas à recuperação**. s.l., 2022. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/covid-19/education-response#>. Acesso em: 17 abr. 2023.

ANEXO A – PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO: defina em poucas palavras o ensino que você teve na pandemia, especialmente na disciplina de história.

<ul style="list-style-type: none"> • Na disciplina de história tive um pouco meio ruim
<ul style="list-style-type: none"> • A pandemia foi algo super difícil, perdemos muitos conteúdos que eram importantes, em história não tive aulas online, só tinha impressa, pois minha professora não quis dar aulas via google meet e isso prejudicou muito meu aprendizado.
<ul style="list-style-type: none"> • Bom, creio que em boa parte das matérias, houve um bom trabalho dos professores.
<ul style="list-style-type: none"> • Eu não conseguia acompanhar quase nada.
<ul style="list-style-type: none"> • O professor fez de forma dinâmica, o que prendia nossa atenção por boa do tempo.
<ul style="list-style-type: none"> • preguiçoso
<ul style="list-style-type: none"> • Mais o menos, como foi a distância não tinha como tirar bem as dúvidas e entende os professores na hora da explicação com a falha da Internet
<ul style="list-style-type: none"> • ConHECI Muito
<ul style="list-style-type: none"> • Quase nadar
<ul style="list-style-type: none"> • Pouco ensino
<ul style="list-style-type: none"> • Consegui acompanhar bastante coisa, mas não se compara as aulas presenciais
<ul style="list-style-type: none"> • Por ser em casa era difícil se concentrar, mas ainda consegui aprender bem!!
<ul style="list-style-type: none"> • Foi bom e acessível
<ul style="list-style-type: none"> • Um ensino ótimo.
<ul style="list-style-type: none"> • Ensino bom, mas com dificuldade em entender.
<ul style="list-style-type: none"> • Ensino remoto, por meio de atividades e textos
<ul style="list-style-type: none"> • Não foi tão bom
<ul style="list-style-type: none"> • Tive um pouco de dificuldade mais deu certo
<ul style="list-style-type: none"> • Aprendi poucas coisas, não por culpa do professor(a) mais sim por minha dificuldade de aprender de forma virtual.
<ul style="list-style-type: none"> • Não tive aprendizado.
<ul style="list-style-type: none"> • Foi uma ótima experiência
<ul style="list-style-type: none"> • Eu não conseguia assistir as aulas online por não ter internet, fazia só os trabalhos expressos
<ul style="list-style-type: none"> • A matéria foi boa, o problema foi a forma de ensino remoto
<ul style="list-style-type: none"> • Foi ótimo
<ul style="list-style-type: none"> • Aprendi coisas interessantes
<ul style="list-style-type: none"> • Tinha uma boa aula o professor sempre em Vídeo aula ótimo
<ul style="list-style-type: none"> • Não sei
<ul style="list-style-type: none"> • O ensino de História no período pandêmico foi muito difícil, por conta do contexto vivenciado. Tivemos que lidar com situações de caráter emocional, que transcendiam o ambiente escolar e as dificuldades relacionadas a acessibilidade. Mas com os direcionamentos do professor e auxílio das tecnologias digitais foi possível a construção de aprendizagens.
<ul style="list-style-type: none"> • As aulas de história foi ótima
<ul style="list-style-type: none"> • A aula de história faz a gente refletir o que aconteceu no passado
<ul style="list-style-type: none"> • Ótimo, conteúdos interessantes
<ul style="list-style-type: none"> • Foi bom, os conteúdos interessantes
<ul style="list-style-type: none"> • Não foi muito porque não tinha muitas aulas de história
<ul style="list-style-type: none"> • Foi muito difícil, mas ao longo do dia fica mais fácil
<ul style="list-style-type: none"> • foi muito legal

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de toda força e inspiração, por me guiar e fortalecer durante toda esta jornada.

À minha querida família, que sempre esteve ao meu lado, com apoio incansável e incentivo constante. Cada conquista é também de vocês.

À minha orientadora Dayane Nascimento Sobreira, que desde o início me ajudou e incentivou para que eu terminasse esse trabalho.

À banca examinadora deste trabalho, pelas críticas e sugestões para o enriquecimento do mesmo.

Por fim, expresso minha profunda gratidão a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. Que esta jornada fortaleça nossos laços e inspire o crescimento mútuo.